

## RESENHAS

**Cornelius Castoriadis. *Sobre ‘O Político’ de Platão.* Tradução de Luciana Moreira Pudenzi. São Paulo: Loyola, 2004. [Coleção Leituras Filosóficas].**

*Ivanaldo Santos\**

O pensador grego Cornelius Castoriadis tenta criar um pedaço de agora no século XX. Esta tentativa se dá por meio da releitura que ele faz do diálogo *O Político* de Platão. Segundo ele (ver 2004, p. 36), este diálogo é importante porque marca uma fase, e talvez a mais importante, de transição na obra de Platão. A transição é entre a *República* e as *Leis*. Enquanto na *República* Platão defende um governo antidemocrático e centralizado na figura do rei-filósofo, nas *Leis* ele apresenta uma forma de governo moderada, um meio termo entre a democracia grega e o governo proposto na *República*. No governo proposto nas *Leis* quem governa a cidade são magistrados eleitos e não o rei-filósofo.

De acordo com Pascal Vernay, entre os anos de 1980 a 1986 Castoriadis consagrou os seminários ministrados na École des hautes études em sciences sociales (EHESS) em Paris, na França, a análise da filosofia e da democracia na Grécia antiga, com análises pontuais mais precisas de Anaximandro, de Heráclito, dos trágicos, da oração fúnebre de Péricles e do *Político* de Platão. A última análise, o *Político* de Platão, foi realizada entre os dias 19 de fevereiro e 30 de abril de 1986. Depois de correções realizadas pelo próprio Castoriadis, este último seminário foi lançado na França, na forma de livro, em 1999 com o título de *Sur le Politique de Platon*. No Brasil este livro foi traduzido por Luciana Moreira Pudenzi e

---

\* Professor do Departamento de Filosofia da UERN. E-mail: ivanaldosantos@yahoo.com.br

lançado com o título de *Sobre O Político de Platão* pela editora Loyola, em 2004, na coleção Leituras Filosóficas.

Para Castoriadis (ver p. 23-25), Platão é muito mais que um crítico feroz da democracia grega do século IV a.C. é um dos pilares da destruição do mundo grego. De um lado, ele orquestrou essa destruição de forma positiva. Ele demonstrou os limites da democracia grega, um regime viciado, formado, em grande medida, por uma multidão apaixonada e passional, e avançou na idéia que deve haver uma *episteme* da política, um saber seguro e certo que permita a orientação no domínio político. Do outro lado, é em Platão que pela primeira vez no Ocidente há a tentativa de fundar um direito que respalde a hierarquia social. A sociedade é hierarquizada, partindo dos altos escalões intelectuais até chegar ao escravo, porque está fundada nas diferentes essências que compõem os indivíduos da cidade-estado. Nesta perspectiva, ele inaugura algo que os cidadãos do século IV a.C. jamais pensaram, mas que se tornou uma ação constante no Ocidente pós-Platão. Esta ação é o terrorismo ideológico. É a manipulação das consciências – realizada de diversas formas como, por exemplo, o discurso religioso, político, econômico e outros – que procura justificar os desníveis sociais e a não efetivação da democracia.

Castoriadis vê em Platão a passagem de dois mundos: do mundo grego, democrático, poético e sofista para o mundo moderno, monoteísta e centrado na técnica e na figura do Estado. Segundo ele, em Platão há um profundo desprezo pela democracia e o universo que a circunda (a poesia, os sofistas e a retórica). Por causa desse desprezo, ele consegue, por meio de falsificações históricas, cenas teatrais e construções literárias, transformar a crise da democracia grega do século IV a.C. em deposição do regime. Por conseguinte, em Platão há um antagonismo que atravessará toda a história do Ocidente. Esse antagonismo é entre o logos filosófico (teórico, dialético, matemático e que busca a verdade em si) e o logos democrático (superficial, demagógico, sofista e poético).

É por causa dessa constatação que Castoriadis realiza uma releitura do diálogo *O Político* de Platão (2004, p. 21-22). Segundo

ele, a partir desse diálogo é possível realizar três importantes comparações com a sociedade moderna. A primeira comparação é que na democracia antiga havia a noção de autogoverno do cidadão e de participação direta no exercício do poder. Na sociedade moderna essa noção foi substituída pela onipresença do Estado burocrático que está fora do jogo político, mas que é o centro do poder político. Atualmente, o cidadão não se autogoverna, ele é governado. O cidadão não participa diretamente da vida política, ele assiste, como um filme que passa na TV, as decisões políticas tomadas pelo Estado e pelos profissionais da política.

A segunda comparação é que surge um novo paradoxo político. Na Antigüidade o paradoxo era que apenas uma pequena parcela da população era absorvida pela democracia. Entretanto, essa pequena parcela participava da vida política. Já na modernidade há um grande conjunto social (mulheres, negros, analfabetos e outros) incorporado a democracia. Entretanto, esse conjunto não tem consciência e não participa diretamente da democracia. O novo paradoxo é que na modernidade a democracia se expandiu, mas não conseguiu, pelo menos até o presente momento, mergulhar os indivíduos na vida política e nas decisões do Estado.

A terceira e última comparação é com relação à desigualdade e a hierarquia social. Segundo Castoriadis, antes de Platão não há, pelo menos oficialmente, uma legitimação do *ethos* político. Por exemplo, não havia uma necessidade de se legitimar, de se dá uma explicação teórica, universal, racional, verdadeira e lógica para a escravidão ou qualquer outra forma de subordinação social. É com Platão que nasce a necessidade de se legitimar a subordinação social. Em Platão está contida grande parte dos argumentos que o Ocidente usará, ao longo da história, para construir essa legitimação. Esses argumentos vão desde a explicação teológica, da vontade da divindade, até a explicação da necessidade de manter a harmonia social.

Por fim, é preciso afirmar que muito mais que apresentar o diálogo *O Político* de Platão da forma como foi estabelecido pela tradição filosófica, o que Castoriadis procura realizar é um diálogo

entre o texto de Platão e a sociedade moderna. Diálogo que aponta Platão como sendo um dos pilares do atual modelo social. De certa forma, para criticar a sociedade moderna é preciso também criticar Platão.